

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: 383 Prod. Cultural

Data: 14/11/92

Pg.: 4 - Ideias, Ensaios & Livros

ECOLOGIA

Novo mapa para a Amazônia

Um trabalho minucioso propõe o desenvolvimento de baixo para cima na região

■ **Um artifício orgânico: transição na Amazônia e ambientalismo**, de Ricardo Azambuja Arnt e Stephan Schwartzman. Rocco, 366 p., Cr\$ 167.250

Guilherme Fiúza

Em meio ao cipoal de denúncias, informações e palpites sobre a Amazônia emitidos nos últimos anos, duas certezas se sobressaem entre os mitos: a destruição da floresta (ainda que parcial) provocaria insuportáveis alterações no clima mundial e significaria a aniquilação da maior concentração de biodiversidade do planeta. Superadas as dúvidas sobre se a mata precisa ou não permanecer de pé, o desafio passa a ser planejar um desenvolvimento para a região sem afogá-la em gigantescos lagos para a produção de energia ou transformá-la em pasto, como quiseram (e fizeram) os governos brasileiros até bem pouco tempo.

O livro *Um artifício orgânico: transição na Amazônia e ambientalismo*, de Ricardo Arnt e Stephan Schwartzman, faz levantamento e análise sem precedentes das forças que, após o despertar político na década de 80, ensaiam pela primeira vez um desenvolvimento de baixo para cima na Amazônia. São índios, seringueiros e trabalhadores rurais que, com a alavanca intelectual dos antropólogos, começam a demolir na prática a noção de que a Amazônia seria um imenso vazio demográfico. Como propulsão decisiva do movimento, aparecem as inúmeras e surpreendentes ONGs (organizações não-governamentais), definidas no prefácio de Eduardo



Índios, seringueiros e trabalhadores rurais são os protagonistas do livro

Viveiros de Castro como um "contrapeso inesperado" ante os arranjos entre o Estado e os grandes interesses econômicos.

Ricardo Arnt está entre os primeiros jornalistas brasileiros que perceberam a ecologia como assunto importante e é um dos que mais se aprofundaram nele. O antropólogo Stephan Schwartzman é nada menos que um dos principais responsáveis pela notoriedade internacional de Chico Mendes e por seu prestígio junto à ONU e ao Banco Mundial, que ajudaram a tornar o seringueiro o maior símbolo da salvação da Amazônia. Procurando

Divulgação

pensar a relação sócio-cultural dos brasileiros com a Amazônia, os autores formulam proposições oportunas.

Entre elas, a de que o imaginário nacional destila, com uma constrangedora celebração do paraíso selvagem, seu preconceito contra o que lhe pareceria, na verdade, um atestado de atraso civilizacional. "Dessa depreciação secular advém o sintomático paradoxo da maior nação de florestas tropicais do mundo romper o século XXI sem tradição e conhecimento de exploração racional de florestas", interpreta Arnt.

O *artifício orgânico*, idéia que sugere o ambientalismo como um caminho potencial para o desenvolvimento da sociedade brasileira, é uma tese rica, mas com título um tanto vago. O pressuposto de que o ambientalismo brasileiro seria uma expressão do naturalismo (no seu sentido filosófico)

é também bastante duvidoso. Mais do que por reverência à natureza, o movimento ambientalista no Brasil surgiu principalmente como crítica aos perigos gerados pelo desequilíbrio da sociedade industrial — jamais negando a industrialização em si.

Quanto ao futuro, além de mapear os avanços do modelo extrativista na floresta, *Um artifício orgânico* aponta mudanças no xadrez mundial: "Potencialmente, a Amazônia poderia ser, para a biotecnologia e a madeira, no século XXI, o que a península arábica é para o petróleo no século XX."